



REDE  
TEMPO  
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

## A História Oral como método de pesquisa historiográfica aplicada sobre as Folias de Santo nas comunidades quilombolas em Óbidos-PA

Leandro de Castro Tavares<sup>I</sup>

**Resumo:** Este estudo tem como proposta central enfatizar algumas proposições ao que tange às discussões que se correlacionam com a história oral como método de pesquisa, bem como sobre a possibilidade de metodologia de amostragem em decorrência aos sujeitos da pesquisa qualitativa, tanto oral quanto documental. Partindo da proposição do que se refere à influência da história oral na escrita da História na perspectiva de construir um conhecimento sobre a importância dos relatos orais, voltando-se ao passado com os olhos na História do Tempo Presente. As argumentações envolvem inicialmente informação tendo em vista, que a metodologia da história oral consiste em versar historicamente sobre algo, a partir de relatos e depoimentos de pessoas que, de alguma forma, se relacionaram àquilo que o historiador escolheu pesquisar. Em segundo momento, as discussões se acercam no que se refere aos caminhos metodológicos pensados para conduzir o processo de investigação de uma pesquisa, sendo esta: Qualitativa, Documental e Oral. Essas e outras informações são as propostas deste artigo, pois o mesmo leva o leitor a ter contato com várias estruturas básicas contextualizadas, dando assim, auxílio no entendimento sobre o contexto existente e importância da história oral em uma pesquisa historiográfica.

**Palavras-Chave:** História oral; Metodologia; Pesquisa.

### Oral History as a method of historiographical research applied to the Folias de Santo in quilombola communities in Óbidos-PA

**Abstract:** This study has as its central proposal to emphasize some propositions regarding the discussions that correlate with oral history as a research method, as well as the possibility of sampling methodology due to the qualitative research subjects, both oral and documentary. Starting from the proposition of what refers to the influence of oral history in the writing of History in the perspective of building knowledge about the importance of oral reports, turning to the past with an eye on the History of the Present Time. The arguments initially involve information bearing in mind that the methodology of oral history consists of dealing historically with something, based on reports and testimonies from people who, in some way, were related to what the historian chose to research. Secondly, the discussions are related to the methodological paths designed to conduct the investigation process of a research, which is: Qualitative, Documental and Oral. These and other information are the proposals of this article, as it leads the reader to have contact with several basic contextualized structures, thus helping to understand the existing context and importance of oral history in a historiographical research.

**Keywords:** Oral history; Methodology; Research.

TAVARES, L. C.

## Introdução

Uma pesquisa constitui-se em uma ferramenta fundamental para o surgimento de uma consciência construtiva, reflexiva e progressiva, transformando-se, por esse motivo, em um exercício permanente para a sociedade, mesmo que essa prática não esteja de forma acessível a todos. Partindo dessa análise, as discussões que acercam a história oral como método de pesquisa historiográfica em certo período, sacudiram os historiadores e fez com que outras perspectivas emergissem no campo historiográfico o que facilitou a se “observar as mudanças que afetam a sociedade<sup>II</sup>”, a fim de dar visibilidade a uma série de fatores que, até então, passavam despercebidos nos relatos dos acontecimentos históricos.

Diante desse contexto, esse estudo se faz necessário por demonstrar questões relativas à pesquisa histórica, assim como por fazer parte de atividade da disciplina Tópicos Especiais em História Social do Território II e III para complementação de créditos do curso de Doutorado em História Social que está em andamento. A escolha dessa temática está pautada na vinculação ao projeto de tese intitulado: As Folias de Santo como Traços da Cultura Afro-brasileira no Município de Óbidos<sup>III</sup>-PA (1990-2018), em que o uso recorrente da fonte recairá no que se convencionou chamar aqui de relatos orais, ou seja, práticas correntes no cotidiano da pesquisa de campo em história oral, e com isso, considera-se que “a História oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea<sup>IV</sup>”. E para melhor compreensão do tema pesquisado este ensaio está dividido em dois tópicos.

O primeiro tópico faz ponderações elencando discussões correlatas à história oral como método de pesquisa que será feito futuramente sobre a Folia São Tomé na Comunidade Quilombola Arapucu, partindo do entendimento que o trabalho de pesquisa realizado através da história oral, exige da pessoa pesquisadora a compreensão de que lidar com o outro, através desse enfoque metodológico, comporta perceber distinções relativas à memória, como categoria teórica e com subjetividade na interação com sujeitos, sendo assim “poderíamos dizer que o passado se faz presente. E a lembrança precisa do presente<sup>V</sup>”. Nesse mesmo aspecto, “implica perceber que o trabalho de construção das fontes exige a percepção do outro, numa dimensão peculiar, onde cada pessoa apresenta interpretações a respeito do mesmo evento<sup>VI</sup>”.

O segundo tópico apresenta discussões sobre a possibilidade de metodologia de amostragem em decorrência aos sujeitos da pesquisa qualitativa, tanto oral quanto documental. Visando entender que a escolha da metodologia tem relevante e extrema importância no que caracteriza a racionalidade em conseguir obter os objetivos propostos em investigar com a finalidade de encontrar a melhor maneira para executar os procedimentos de uma pesquisa historiográfica. Desse modo, a intenção é levar a compreender o quão importante é que o investigador saiba usar os instrumentos adequados para encontrar respostas às questões que ele tenha levantado na pesquisa a partir do uso da história oral como metodologia de pesquisa.

A partir dos pressupostos de instigação desse artigo, vale frisar que o trabalho com a História oral “se beneficia de ferramentas teóricas de diferentes disciplinas das Ciências Humanas, como a Antropologia, a História, a Literatura, a Sociologia e a Psicologia, por exemplo. Trata-se, pois, de metodologia interdisciplinar por excelência<sup>VII</sup>”, dentre a isso, fica compreensível que os registros veiculados resultante da história oral abriram a possibilidade de pesquisas que questionaram a noção de documento em história. São fontes que apresentam processos de construção e desconstrução de identidades, culturas e mentalidades, a partir da vida e experiências cotidianas. Emergem como documento na busca das sensibilidades,

TAVARES, L. C.

muitas vezes camufladas e apresentam elementos capazes tanto de informar aspectos imateriais concretos cotidianos como a cristalização de uma memória, um testemunho direto ou indireto do passado, ou seja, “em condições subjetivas e políticas “normais”, o passado sempre chega ao presente<sup>VIII</sup>”. Constituem-se em marcas, pistas, que a história do tempo presente faz uso, principalmente para perceber os valores de mundo, suas permanências e transformações socioculturais.

### **Discussões correlatas à história oral como método de pesquisa**

Quando se trata de questões teórico-metodológicas relativas ao ofício do historiador que se envolve com a metodologia da história oral, intermediado pelo encontro entre sujeitos para colher um relato, tem-se, de um lado, a pessoa que pesquisa, que nesse caso busca ouvir e, do outro lado, a pessoa que se dispõe a prestar um relato, discorrendo sobre um dado período ou evento. Isto exige do pesquisador cuidados que nem sempre se acredita existir, porque “fazer história oral não é simplesmente sair com um gravador em punho, algumas perguntas na cabeça, e entrevistar aqueles que cruzam nosso caminho dispostos a falar um pouco sobre suas vidas<sup>IX</sup>”. Seguindo essa noção simplificada pode resultar em um punhado de gravações, de pouca ou nenhuma utilidade, que permanecem guardadas sem que se saiba muito bem o que fazer com elas. Muitas vezes tal situação é criada por uma concepção talvez ingênua e certamente equivocada de que a história oral, em vez de meio de ampliação de conhecimento sobre o passado, é, digamos, o próprio passado reencarnado em gravações, como se o simples fato de deixar registrados depoimentos de atores e/ou testemunhas do passado eximisse o pesquisador da atividade de pesquisa.

Pensando pela vertente de que a metodologia da História Oral consiste em versar historicamente sobre algo, a partir de relatos e depoimentos de pessoas que, de alguma forma, se relacionaram àquilo que o historiador escolheu pesquisar. Sendo assim, são as narrativas orais as fontes, a partir das quais o pesquisador vai discorrer interpretar, discutir e construir uma narrativa historiográfica, na perspectiva de que “o testemunho está na origem do discurso histórico<sup>X</sup>”. Sendo um método de pesquisa, a história oral não é um fim, em si mesma, e sim um meio de conhecimento. Seu emprego só se justifica no contexto de uma investigação científica, o que pressupõe sua articulação com um projeto de pesquisa previamente definido. Assim, antes mesmo de se pensar em história oral, é preciso haver questão, perguntas, que justifiquem o desenvolvimento de uma investigação. A história oral só começa a participar dessa formulação no momento em que é preciso determinar a abordagem do objeto em questão.

De acordo com Alberti “de modo geral, qualquer tema, desde que seja contemporâneo – isto é, desde que ainda vivam aqueles que têm algo a dizer sobre ele –, é passível de ser investigado através da história oral<sup>XI</sup>”. E dentro dessa perspectiva “podemos afirmar hoje que os relatos orais são fontes imprescindíveis para a História, assim como qualquer outra, sem grau hierárquico<sup>XII</sup>”.

A História Oral como metodologia recebeu muitas críticas, mas nos dias atuais, o ato de escrever história com fontes orais goza de crédito, em condições de igualdade, como qualquer outra fonte escrita da história<sup>XIII</sup>. Dessa forma:

Entendemos estar superado o período em que pairava uma aura de desconfiança por partes de setores acadêmicos, que desacreditavam sua prática. Hoje a constituição de centros de memórias orais e laboratoriais instalados tanto no interior das universidades quanto em instituições diversas projeta a história oral a patamares elevados na pesquisa histórica<sup>XIV</sup>.

TAVARES, L. C.

Porém, quando o uso de relatos orais, obtidos de pessoas vivas, contemporâneas de quem escreve, converteu-se em fonte aceitável para discutir fatos passados ou do presente, várias questões se apresentaram aos adeptos desta nova forma de escrever história. Nomear e definir teórico-metodologicamente a escrita da história com este tipo de fonte era, comumente, as questões que se exigiam nas décadas anteriores. A partir daí que durante muito tempo, quando alguém se propunha a realizar um trabalho de história utilizando relatos orais, a primeira coisa com que se preocupava era expor claramente seus pressupostos teóricos, já o nome de um modo geral recaía em uma classificação, quase que espontânea, atribuindo-lhe a designação de história oral.

Partindo das ponderações acima expostas, é compreensível, que a história oral só pode ser empregada em pesquisas sobre temas recentes, que a memória dos entrevistados alcance. Em meio a isso “com o passar do tempo, as entrevistas assim produzidas poderão servir de fontes de consulta para pesquisas sobre tema não tão recentes, mas a realização de entrevistas pressupõe o estudo de acontecimentos e/ou conjunturas ocorridas num espaço de aproximadamente 50 anos<sup>XV</sup>”.

Em decorrência aos fatos pesquisados, o trabalho com a história oral constitui, desde o início, uma produção intencional de documentos históricos. Assim, em vez de se organizar um arquivo de documentos já existentes, conferindo-lhes, após criteriosa avaliação, o caráter de fontes em potencial para futuras pesquisas, na história oral se produz deliberadamente, através de várias etapas, o documento que se torna fonte.

Em suma, o trabalho com história oral exige do pesquisador um elevado respeito pelo outro, por suas opiniões, atitudes e posições, por sua visão de mundo enfim. É essa visão de mundo que norteia seu depoimento e que imprime significados aos fatos e acontecimentos narrados. Ele é individual, particular àquele depoente, mas constitui também elemento indispensável para a compreensão da história de seu grupo social, sua geração, seu país e da humanidade como um todo, se levar em consideração que há universais nas diferenças.

### **Possibilidade de metodologia de amostragem em decorrência aos sujeitos da pesquisa qualitativa: oral e documental**

A metodologia é algo extremamente importante e racional para atingir os objetivos propostos na melhor investigação com finalidade de encontrar a melhor maneira para executar os procedimentos de uma pesquisa histórica. O importante é que o investigador saiba usar os instrumentos adequados para encontrar respostas às questões que ele tenha levantado na pesquisa a partir do uso da História Oral. Vale lembrar que “hoje já é generalizada a concepção de que fontes escritas também podem ser subjetivas e de que a própria subjetividade pode se constituir em objeto do pensamento científico<sup>XVI</sup>”.

Em meios a essa perspectiva, deve-se ter como técnica para coletas de dados e evidências a nomeação de entrevista semiestruturada objetivando “buscar informações, dados e opiniões por meio de uma conversação livre, com pouca atenção a prévio roteiro de perguntas<sup>XVII</sup>”. Dando sequência a esse pensar Lüdke e André, ponderam que:

A entrevista é uma das principais técnicas de trabalho em quase todos os tipos de pesquisa utilizados nas ciências sociais por conta de que, enquanto pesquisadores, podemos criar uma relação de interação com os sujeitos da pesquisa, instaurando uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde<sup>XVIII</sup>.

TAVARES, L. C.

Pelo fato de a realização da investigação ser mediada pela abordagem qualitativa, faz-se necessário que seja aplicado o método dialético, através de aplicação de entrevistas e questionários a todos os envolvidos que de alguma forma, se possível, devem gentilmente disponibilizar a ceder seu precioso tempo para as entrevistas semiestruturadas e questionários<sup>XIX</sup>, quando forem os procedimentos utilizados para a coleta de dados.

Desse modo, deve-se compreender a entrevista a partir da perspectiva de Castro e Matos, pois:

Compreende-se que a entrevista ocorre por existir o interesse do entrevistador nas histórias que o entrevistado pode contar. Está é a forma mais simples de se definir o uso de entrevistas em pesquisas. Alguém está interessado em conhecer o outro e fazer sentido das experiências deste outro<sup>XX</sup>.

Podemos dizer que essa riqueza de compreender as entrevistas por meio de análise da História oral “está evidentemente relacionada ao fato de ela permitir o conhecimento de experiências e modos de vida de diferentes grupos sociais. Nesse sentido, o pesquisador tem acesso a uma multiplicidade de “histórias dentro da história<sup>XXI</sup>””. Baseado nessa análise deve ser pensado um pressuposto epistemológico para nortear os caminhos da pesquisa que estiver em questão, fundamentando-se em algum campo de estudo, em uma perspectiva crítica, objetivando compreender e analisar as relações entre o objeto de pesquisa e os conceitos eleitos para serem descritos na investigação histórica.

Dessa forma, a pesquisa epistemologicamente deverá ter pensamentos estruturantes, ou seja, far-se-á necessário a apresentação denotativa dos teóricos que darão fundamentação à pesquisa e que compõe a lista de fontes primárias ou secundárias. Conforme Cardoso:

Em pesquisa histórica há dois tipos de fontes que proporcionam os dados necessários: fontes primárias – documentos manuscritos de arquivos, fontes impressas (redigidas no próprio período pesquisado...) e fontes secundárias – documentação bibliográfica: livros ou artigos sobre o tema estudado, ou sobre assuntos de algum modo relacionados com ele<sup>XXII</sup>.

Seguindo esta perspectiva, deve-se fazer uma busca de bibliografias que sejam sobre o tema delimitado, especificamente na região de proposição à pesquisa, mesmo que se encontrem estudos feitos com outras denominações, mas de alguma forma se relacionam com o tema pesquisado, pois existem “bibliografias de obras anteriores sobre assuntos vinculados à pesquisa, catálogos de documentos elaborados por arquivistas, etc.<sup>XXIII</sup>”. Ainda seguindo a linha de pensamento do referido autor “tanto no caso de documentos manuscritos como no de diversos tipos de documentos publicados, convém elaborar dois tipos de fichas: fichas bibliográficas ou documentais de identificação e fichas analíticas ou de conteúdos<sup>XXIV</sup>”.

Como visto anteriormente, quando o caminho metodológico pensado para conduzir o processo de investigação de um trabalho for a Pesquisa Qualitativa, Documental e Oral, utiliza-se assim, da História Oral como método de pesquisa pensando pela vertente de que a História oral pode ser entendida e útil na:

História do cotidiano (a entrevista de história de vida pode conter descrições bastante fidedignas das ações cotidianas); a História política, entendida não mais como História dos “grandes homens” e “grandes feitos”, e sim como estudo das diferentes formas de articulação de atores e grupos de interesse; o estudo de padrões de socialização e de trajetórias de indivíduos e grupos pertencentes a diferentes camadas sociais, gerações, sexos, profissões, religiões etc. Histórias de comunidades, como as de bairro, as de imigrantes, as camponesas etc.<sup>XXV</sup>

TAVARES, L. C.

Dessa forma, leva-se em consideração que a História, cujo objeto precípua é observar as mudanças que afetam a sociedade, e que tem por missão propor explicações para elas, não escapa ela própria à mudança. Existe, portanto, “uma história da história que carrega o rastro das transformações da sociedade e reflete as grandes oscilações do movimento das ideias<sup>XXVI</sup>”. Visto que, segundo Rémond:

As gerações de historiadores que se sucedem não se parecem: o historiador é sempre de um tempo, aquele em que o acaso o fez nascer e do qual ele abraça, às vezes sem o saber, as curiosidades, as inclinações, os pressupostos, em suma, a “ideologia dominante”, e mesmo quando se opõe, ele ainda se determina por referência aos postulados de sua época<sup>XXVII</sup>.

Corroborando sobre análise de documentos, conforme asseveram Lüdke e André, “a análise documental pode se construir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja completando informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema<sup>XXVIII</sup>” sempre levando em consideração de que as fontes escritas também podem ser subjetivas como já citado no início desse tópico. Cellard, por seu turno, justifica a importância da Pesquisa Documental dizendo que o uso de documentos em pesquisa permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social. Este procedimento, ou seja, a análise documental favorece o processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, entre outros.

Quanto às entrevistas a partir do uso da História Oral, Alberti argumenta que “a entrevista de história oral deve ser considerada em função das condições de sua produção: trata-se de um diálogo entre entrevistado e entrevistadores, de uma construção e interpretação do passado atualizada através da linguagem falada<sup>XXIX</sup>”.

Nesse sentido, deve-se ter como característica o desenvolvimento em meios a recuos e evocações paralelas, repetições, desvios e interrupções, que conferem um potencial de análise em grande parte diverso daquele de um documento escrito. Nesse preceito, “a análise da entrevista tal como efetivamente transcorreu permite que se aprendam os significados não diretamente ou intencionalmente expressos<sup>XXX</sup>”.

A partir do exposto acima, é sempre relevante observar o que rege o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), objetivando proteger legal e moralmente tanto a pessoa do pesquisador quanto a do pesquisado, mas se considerando também revelar o nome dos entrevistados, caso necessário, com as devidas autorizações dos mesmos.

Assim, as entrevistas, como sabido, devem ser gravadas e transcritas de forma fiel e integral para análise do conteúdo em relação ao tema abordado. E posteriormente utilizando alguma técnica para analisar os documentos e entrevistas, posto que, conforme Silva, “busca-se, fundamentalmente, caracterizar o objeto sob análise como um artefato<sup>XXXI</sup>”, ou seja, “como resultado de um processo de construção social<sup>XXXII</sup>”. Visto que a análise em uma perspectiva histórica parte da concepção de que o mundo em que vivemos tem interação social e é naturalizado. A tarefa da análise historiográfica seguindo os pressupostos desse artigo consiste em desconstruir esse processo de naturalização.

Em consonância às argumentações supracitadas, as bibliografias e documentos permitem analisar o que está definido literal/oficialmente e as entrevistas e questionários propostos pelo pesquisador devem permitir a realização da análise do que está sendo efetivado no tema pesquisado, levando sempre em consideração o referencial teórico adotado, para então, tecerem-se compreensões próprias.

TAVARES, L. C.

Ainda com relação às entrevistas, devem utilizá-las no sentido apontado por Bauer e Gaskell:

Um processo social, uma interação ou um empreendimento cooperativo, em que as palavras são o meio principal de troca. Não é apenas um processo de informação de mão única passando de um (o entrevistado) para o outro (o entrevistador). Ao contrário, ela é uma interação, uma troca de ideias e de significados, em que várias realidades e percepções são exploradas e desenvolvidas<sup>XXXIII</sup>.

Assim, as entrevistas poderão ser realizadas na intenção de descobrir aspectos que não estão explícitos nos documentos obtidos, podem ser analisados a partir da compreensão dos sujeitos entrevistados a respeito do objeto de pesquisa. A maioria das perguntas inerentes à entrevista deve estar diretamente ligada ao desenvolvimento do estudo temático em si, bem como também, sobre o seu processo histórico no sentido de fazer uma reconstituição historiográfica do que está sendo estudado e à atuação de cada sujeito diante de tal tema.

Partindo dessa perspectiva, as análises tanto dos documentos quanto das entrevistas e questionários para melhor compreensão, deve-se levar em consideração o conteúdo a partir da definição de categorias temáticas, como também, os objetivos que orientam a pesquisa, desse modo esta técnica “parte de uma leitura de primeiro plano das falas, depoimentos e documentos, para atingir um nível mais profundo, ultrapassando os sentidos manifestos do material<sup>XXXIV</sup>”.

Trabalhar com categorias significa estabelecer classificações, agrupar elementos, ideias ou expressões em torno de um conceito capaz de englobar tudo isso. Gomes defende que podem ser utilizadas em qualquer tipo de análise em pesquisa qualitativa e ainda nessa concepção o autor informa que:

As categorias podem ser estabelecidas antes do trabalho de campo, na fase exploratória da pesquisa, ou a partir da coleta de dados. Aquelas estabelecidas antes são conceitos mais gerais e mais abstratos. Esse tipo requer uma fundamentação teórica sólida por parte do pesquisador. Já as que são formuladas a partir da coleta de dados são mais específicas e mais concretas. Segundo nosso ponto de vista, o pesquisador deveria antes do trabalho de campo definir as categorias a serem investigadas<sup>XXXV</sup>.

A partir do entendimento da concepção do referido autor, é possível optar por definir as categorias de análise antes do trabalho de campo, no entanto, como o mesmo explicita, após a coleta de dados torna-se necessário fazer comparações das categorias gerais estabelecidas antes da coleta de dados com as categorias que surgirão ao longo do trabalho de campo e, assim, delimita-se essas categorias de análise.

De posse do material coletado e a partir das leituras realizadas, poder-se-á analisar então, em segundo plano, a área de abrangência do que se pesquisa. Porém, dependendo do que será explicitado para o desenvolvimento da pesquisa, este pode não constituir o foco principal do tema estudado, mas poderá demonstrar para fins de melhor compreensão do estudo. Visando essas características possibilitará a compreensão dos resultados, para se ter clareza de que qualquer processo é dinâmico e, ao mesmo tempo, provisório, além de ocorrer em um dado momento histórico. Dessa forma:

O objeto das Ciências [...] é histórico. Isto significa que as sociedades humanas existem num determinado espaço cuja formação social e configuração são específicas. Vivem o presente marcado pelo passado e projetado para o futuro, num embate constante entre o que está dado e o que está sendo construído. Portanto, o

TAVARES, L. C.

provisoriamente, o dinamismo e a especificidade são características fundamentais de qualquer questão social<sup>XXXVI</sup>.

Essa perspectiva que explora as relações entre memória e história, ao romper com uma visão determinista que elimina a liberdade dos homens, põe em evidência a construção dos atores de sua própria identidade e “reequaciona as relações entre passado e presente ao reconhecer, de forma inequívoca, que o passado é construído segundo as necessidades do presente, chamando a atenção para os usos políticos do passado<sup>XXXVII</sup>”. O pesquisador tendo em vista a preocupação em manter o rigor metodológico e ainda a validade dos dados encontrados na pesquisa, poderá utilizar também a ferramenta/estratégia da triangulação de dados, a qual em qualquer que seja o estudo poderá ter como objetivo a comparação dos dados coletados de diferentes fontes (Referencial Teórico, informações encontradas nos documentos e os dados coletados nas entrevistas e nos questionários aplicados) para, finalmente, construir-se as inferências devidas, ou seja, teoria, documentos, dados coletados e inferências. Nessa concepção:

A triangulação significa olhar para o mesmo fenômeno, ou questão de pesquisa, a partir de mais de uma fonte de dados. Informações advindas de diferentes ângulos podem ser usadas para corroborar, elaborar ou iluminar o problema de pesquisa [...] a triangulação de dados significa coletar dados em diferentes períodos e de fontes distintas de modo a obter uma descrição mais rica e detalhada dos fenômenos<sup>XXXVIII</sup>.

Essas três fontes de dados acima citadas, podem constituir relevantes informações para a análise e compreensão do que está sendo pesquisado, considerando não apenas a historicidade e objetivos expressos nos documentos, bibliografias e entrevistas, mas também as condições locais para seu desenvolvimento e metodologias, reafirmando que “o “tempo presente” constitui um campo científico singular, pela sua própria definição<sup>XXXIX</sup>”. Assim, o contexto histórico mais amplo e particular também poderá ser evidenciado na intenção de entender a atuação dos diferentes sujeitos histórico envolvido e sua participação ao que se refere à pesquisa.

De acordo com o embasamento à literatura utilizada pelo pesquisador, será possível compreender que, para serem realizadas análises sobre o tema de pesquisa, tornar-se-á necessário a definição e a conceituação dos termos utilizados, a fim de se obter melhor entendimento a partir da abordagem/enfoque que se elegerá para a realização da pesquisa. Assim, deverá se iniciar por definir/conceituar os termos empregados na pesquisa de acordo com as concepções dos autores referenciados na intenção de situar o leitor a partir da compreensão do que o pesquisador argumentará. Ou seja, quais concepções nortearão a análise do estudo, para que se obtenham os resultados que o pesquisador quer alcançar.

### **Algumas considerações**

Em resumo, trabalha com a chamada história oral não só quem se apresenta com formação de historiador, mas uma gama maior de profissionais de várias áreas, que recorrem uma dada metodologia para produzir seus trabalhos, ouvindo o outro e com isso a história oral, passa “a funcionar como um laboratório de reflexão epistemológica<sup>XL</sup>”, na medida em que se precisa dar conta da pressão das demandas dos testemunhos vivos.

O perfil, na composição das associações de história oral, comprova a diversidade dos profissionais que atuam em referida área. Essa diversidade a que este estudo se refere significa também que não ocorre uma ação unitária no modo de operar o gravador, porque do

TAVARES, L. C.

resultado das falas das pessoas ocorrem modos distintos de encarar o produto gravado. Dessa forma, compreende-se que é nesse momento que se tem o maior ponto de divergência entre os praticantes da história oral.

É consideravelmente relevante compreender que a pesquisa com o uso da história oral exige do pesquisador um elevado respeito pelo indivíduo, por suas opiniões, atitudes e posições, por seu amplo conhecimento de mundo enfim. É esse amplo conhecimento que norteia seu depoimento e que imprime significados aos fatos e acontecimentos narrados. Assim, ao trabalhar-se com visões particulares e muitas vezes “idiossincráticas para ampliar nosso conhecimento acerca da história, e porque de alguma forma acreditamos que a história é um nome genético para designar as histórias vividas e concebidas, diferentes ou parecidas, criadas por pessoas<sup>XLb</sup>”.

A partir do que foi supracitado, assim como depois de uma extensa caminhada através das situações com o propósito de transmitir ao leitor nestes dois tópicos de textos, chegou-se ao final desse estudo. De certo modo, buscou-se refletir situações bem concretas com que os pesquisadores poderão se defrontar no cotidiano das pesquisas que tenham elegido como método a história oral.

Mas se têm clareza que, não foi abordado tudo o que será necessário e que será preciso plenamente na pesquisa. É preciso ter entendimento que as dimensões da área de história oral são infinitas e não é possível repassar tudo o que já foi elaborado, assim, de modo breve. É relevante imaginar quanta coisa ficou para ser dita, verificando que nem se tratou das experiências daqueles que, ao realizarem suas pesquisas, se deparam com situações inusitadas, e discutem sobre elas, quando acham oportuno dividir com os demais essas experiências.

## Notas

<sup>I</sup> Doutorando em História Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ/FFP. E-mail: tavaresleo23@gmail.com.

<sup>II</sup> (Rémond, 1996, p. 13).

<sup>III</sup> Óbidos é uma cidade histórica com 320 anos localizada no extremo norte do Brasil, na Região Oeste do Estado do Pará e situada às margens esquerda do Rio Amazonas. É o local considerado mais estreito e mais profundo do Rio Amazonas. Fica a uma distância aproximada de 8,4 km abaixo da entrada do Rio Trombetas.

<sup>IV</sup> (Alberti, 2011, p. 155).

<sup>V</sup> (Sarlo, 2007, p. 10).

<sup>VI</sup> (Montysuma e Karpinski, 2010, p. 07).

<sup>VII</sup> (Alberti, 2011, p. 156).

<sup>VIII</sup> (Sarlo, 2007, p. 10).

<sup>IX</sup> (Alberti, 2005, p. 30).

<sup>X</sup> (Sarlo, 2007, p. 37).

<sup>XI</sup> (Alberti, 2005, p. 30).

<sup>XII</sup> (Montysuma e Karpinski, 2010, p. 14-15).

<sup>XIII</sup> (*Ibidem*, p. 15).

<sup>XIV</sup> (*Ibidem*, p. 15).

<sup>XV</sup> (Alberti, 2005, p. 21).

<sup>XVI</sup> (*Idem*, 2011, p. 163).

<sup>XVII</sup> (Martins, 2008, p. 27).

<sup>XVIII</sup> (Lüdke; André, 1986, p. 38).

<sup>XIX</sup> Em alguns casos é necessária a distribuição de questionários para jovens ou qualquer pessoa devido a não aceitação de entrevistas gravadas.

<sup>XX</sup> (Castro; Matos 2010, p. 2).

<sup>XXI</sup> (Alberti, 2011, p. 166).

<sup>XXII</sup> (Cardoso, 2002, p. 485).

TAVARES, L. C.

- 
- XXIII (*Ibidem*, p. 485).  
 XXIV (*Ibidem*, p. 485-486).  
 XXV (Alberti, 2011, p. 166).  
 XXVI (Rémond, 1996, p. 13).  
 XXVII (*Ibidem*, p. 13).  
 XXVIII (Lüdke; André 1986, p. 38).  
 XXIX (Alberti, 2005, p. 24).  
 XXX (*Ibidem*, p. 24).  
 XXXI (Silva, 2010, p. 134).  
 XXXII (*Ibidem*, p. 134).  
 XXXIII (Bauer; Gaskell, 2003, p. 73).  
 XXXIV (Minayo, 2008, p.308).  
 XXXV (Gomes, 2001, p. 71).  
 XXXVI (Minayo, 2001, p. 14).  
 XXXVII (Ferreira, 2018, p. 85).  
 XXXVIII (Azevedo et al. 2013, p. 4).  
 XXXIX (Ferreira, 2018, p. 86).  
 XL (*Ibidem*, p. 92).  
 XLI (Alberti, 2005, p. 24).

### Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALBERTI, Verena. “Fontes orais: Histórias dentro da História”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2011.

AZEVEDO, Carlos Eduardo Franco et al. *A Estratégia de Triangulação: Objetivos, Possibilidades, Limitações e Proximidades com o Pragmatismo*. IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade – Brasília – DF – 3 a 5 de Novembro de 2013. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/281285824\\_A\\_Estrategia\\_de\\_Triangulacao\\_Objeto\\_s\\_Possibilidades\\_Limitacoes\\_e\\_Proximidades\\_com\\_o\\_Pragmatismo](https://www.researchgate.net/publication/281285824_A_Estrategia_de_Triangulacao_Objeto_s_Possibilidades_Limitacoes_e_Proximidades_com_o_Pragmatismo). Acesso em 05 de junho de 20117.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (editores). *Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático*; tradução de Pedrinho A. Guareschi. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. BRIGNOLI, Hector Perez. *Os métodos da História*. Tradução: João Maria. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.

CASTRO, Paula Almeida de; MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. *Entrevista como instrumento de pesquisa nos estudos sobre fracasso escolar*. Rio de Janeiro: Netedu, 2008.

CELLARD, A, A análise documental. In: POUPART, J. et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2008.

TAVARES, L. C.

---

FERREIRA, Marieta de Moraes. “Notas iniciais sobre a História do Tempo Presente e a historiografia no Brasil”. *Tempo & Argumento*, Florianópolis, v. 10, nº 23, 2018.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, Gilberto de Andrade. *Estudo de Caso: uma estratégia de pesquisa*. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. Disponível em: [http://www.faed.udesc.br/arquivos/id\\_submenu/1428/minayo\\_2001.pdf](http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo_2001.pdf). Acesso em: 05 de junho de 2017.

MINAYAO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 11ª edição. São Paulo: Hucitec, 2008.

MONTYSUMA, Marcos Fábio Freire; KARPINSKI, Cezar. *Memória e história oral*. Indaial: Grupo Uniasselvi, 2010.

RÉMOND, René. “Uma história presente”. In: RÉMOND, René (org). *Por Uma História Política*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

SILVA, Tomas Tadeu da. *Documentos de identidade. Uma introdução às teorias do currículo*. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.